

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Parintim

Class.: PTRO0002

Data: ago/81

Pg.: _____

Povo Parintintin não arredará um passo

A história da Nação Parintintin conhecida e escrita pelos brancos se inicia em 1922, quando Curt Nimuendaju, juntamente com uma equipe do antigo Serviço de Proteção aos Índios - SPI, conseguiu "pacificá-los". Tratava-se de por fim à resistência ao colonizador; de incorporar à comunhão econômica brasileira aquela mão-de-obra ociosa, de trocar o território de vida dos Parintintin por quinquilharias reluzentes e inúteis. Com alguma insistência e com a aprovação de expedições científicas multinacionais (1), o negócio foi realizado.

O espírito de conquista não mais se contentava com o modelo bandeirantista que não incluía o aproveitamento das Nações Indígenas como potencial de trabalho — as ações buscavam agora não só riquezas naturais, mas também homens, o que se pode chamar de "bandeirantismo humanitário". Procurava-se integrar aqueles homens numa única maneira de ser, cumprindo as emanções de um grupo dirigente que se explicitava em nome de uma só vontade, a dos brasileiros.



Paulino, tuxaua Parintintin sobrevivente da pacificação. (Foto Xará)

Por não haver mais resistência bélica, logo em 1924 foi dada como terminada a fase de pacificação, iniciando-se o segundo passo denominado "consolidação da pacificação". Neste estágio de convencimento procurou-se criar necessidade, de forma a manter uma crescente dependência do novo mundo, pleno de alegorias e promessas.

Os rios Maicí, Maicí-Mirim, Ipixuna, Lagos do Antonio, Urapiara, Poção, Pupunhas, foram visitados por emissários que levavam o convite para que os Parintintin se transferissem para o rio Madeira. Parte do grupo acompanhou o funcionário do SPI José Garcia de Freitas (2), estabelecendo o porto de lenha Maicí de Calama, abastecedor dos vapores transportadores de látex. Se contribuíram para a concorrência brasileira deste produto no mercado internacional pouco se sabe, mas, com certeza liberaram muitos hectares do seu território para a exploração da castanha-do-pará, do pau-rosa, da madeira-de-lei, do ouro. Grande parte sucumbiu à gripe, às doenças venéreas, para as quais seus corpos não estavam preparados. Outros espalharam-se pelos seringais e castanhais, semi-escravizados pelo trabalho compulsório a que foram submetidos pelos novos patrões.

INTEGRAÇÃO CADAVERICA

Dada a condição sub-humana em que se encontravam, foi criada em 1935, em Belém do Pará, a Comissão Pró-Parintintin, como resultado dos esforços do Salesiano Padre Angelo Cerri (3). A opinião pública reivindicou a defesa daquele povo junto ao governo Vargas, organizaram-se festivais para arrecadar donativos, fundou-se o Centro Missionário Parintintin e houve até mesmo uma Cruzada Espiritual Pró-Parintintin.

Depois desta integração cadavérica preferem fazer alianças com nações que têm experiências semelhantes, como os Apurinã, Pirahã, Diahói. Através de trocas comerciais, casamentos, procuram se fortalecer contra o inimigo comum: o branco. Sabem que existem iniciativas legais que objetivam a proteção dos índios, mas elas têm sido mais um instrumento de ameaça que propriamente de defesa, como se pode observar pelo depoimento do Tuchaua Idiêt (Paulino), sobrevivente da pacificação.

No tempo que veio o alemão (referindo-se a Nimuendaju) tinha muitos Parintintin, disse o tuchaua Idiêt. "Ele tinha revólver grande, trouxe muitos presentes. Disse que era para ficarmos amigos dos brancos. Nós acreditamos. Muitos foram com o Garcia, morreram de doença. Agora a Funai quer levar Parintintin para a Transamazônica. Lá tem muitos brancos, tem muita doença, não tem peixe, não tem fruta. Nós não nos damos. Transamazônica é dos brancos, Ipixuna é do meu pai, dos meus netinhos. Funai pode ficar zangada, já disse: não passou do meu porto. Parintintin de Maicí de Calama morreu tudo. Não passo do meu porto".

Enquanto a transferência é proposta insistentemente, o Sub-Delegado de Polícia local, Aclimides Pinto da Mota, legítima pessoalmente 21 invasões, sob o argumento que a Funai liberou a área, e que ali não é terra de índio e sim na beira da estrada.



Criança Parintintin, difícil sobrevivência.

INGERÊNCIAS

Como no início do século, Idiêt, não aceita ingerência sobre o mundo que ele foi preparado para conduzir. Em lugar do Padre Cerri tem-se hoje a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC, apoiando a dominação branca, tentando "atrair" Idiêt para as benesses constantemente prometidas:

"Lúcia disse que é para ir para a Transamazônica. Lúcia levou papel que garante que nós somos Parintintin, disse que é para pesquisa, que é para ajudar. Agora não temos mais papel, agora branco diz que árvore nós não plantamos, que peixe nós não criamos, que o Brasil precisa crescer. Não temos mais papel, Lúcia levou".

Lúcia, devolva o papel dos Parintintin.

Bibliografia

- (1) SPI - Relatório do Inspector, Inspectoria do Amazonas e Acre, 1924, pag. 26-30.
- (2) SPI - Relatório do Inspector, Inspectoria do Amazonas e Acre, 1924, pag. 25-30.
- SPI - Relatório do Inspetor, Inspectoria do Amazonas e Acre, 1941, pag. 40-41.
- (3) HUGO, Victor - "Os Desbravadores", Missão Salesiana de Humaitá, 1959, I volume, pag. 225-226.